

## Capítulo 7

«A Liga morreu.  
Vivam as Nações Unidas!»

A batalha é terrível em terras distantes  
Será que este horror desolado nunca vai acabar?  
Poderemos nós, que combatemos em todas as eras,  
Fazer uma Paz duradoura?

.....

Não cegueis a mente com medos antigos.  
O tempo vira a ampulheta, a areia escorreu.  
A alvorada de outro milhão de anos  
Começou agora.  
– James Shotwell, «É a alvorada?»<sup>1</sup>

### PARA A AMÉRICA

No verão de 1940, os nazis conquistaram Paris e o destino da Liga das Nações ficou suspenso. Naquele momento, quando tantos pressupostos antigos e enraizados foram abruptamente virados do avesso em ambos os lados do Atlântico, chegaram de Genebra rumores inquietantes segundo os quais o secretário-geral da Liga, um ex-funcionário do Ministério das Finanças francês, Joseph Avenol, estava disposto para colaborar com os alemães. O nazismo era anti-internacionalista mas

os líderes do Terceiro *Reich* estavam cientes do valor de operar através de organizações internacionais. Em 1935, Joseph Goebbels acolheu em Berlim um congresso internacional de especialistas prisionais. Em 1938, a Alemanha tomou conta da Comissão Internacional de Polícia Criminal – a sua sucessora, a Interpol, não costuma mencionar este interlúdio nazi –, e no verão de 1940, o número dois de Himmler na SS, Reinhard Heydrich, declarou-se presidente da CIPC. O Reichsbank continuou a ser um membro ativo do Banco de Pagamentos Internacionais durante a guerra, apesar de este ter sido fundado essencialmente a pedido do Banco de Inglaterra e de o seu presidente ser americano. Mas a Liga das Nações era uma questão muito maior e com muito mais carga ideológica, e Avenol, que sondou Pétain, enganou-se completamente ao avaliar a situação. Afastou-se em agosto, depois de alienar todas as partes, e é uma figura incómoda na história da Liga.<sup>2</sup>

Foi nestas circunstâncias tensas que a ligação à América ofereceu uma bóia de salvação para o que restava da Liga, em Genebra. O interesse americano pela Liga das Nações depois da grande derrota de Wilson, em 1920, foi sempre mais sustentado do que sugere a história convencional de afastamento e isolamento: havia mais de duzentos americanos a trabalharem para a Liga, incluindo em alguns cargos superiores e importantes, e a Fundação Rockefeller, em particular, apoiou financeiramente a Liga durante os anos 30. De vez em quando, verificaram-se iniciativas tendentes a forjar relações mais estreitas, mas foram frustradas pela crise económica e pelo colapso da cooperação económica internacional, em 1933. Arthur Sweetser foi o primeiro americano nomeado para o Secretariado da Liga, em 1919: ajudou a montar o departamento de imprensa e mais tarde tornou-se o primeiro chefe do Departamento de Informação da ONU. Na véspera da Segunda Guerra Mundial, Sweetser discutiu o estabelecimento de laços mais estreitos entre a Liga e os Estados Unidos com o presidente Roosevelt, que o aconselhou a concentrar-se na cooperação económica e financeira e não na cooperação política. O projeto de Sweetser era reunir os serviços técnicos da Liga e os americanos numa espécie de nova organização financeira e económica.<sup>3</sup>

Sweetser regressou da Europa aos Estados Unidos em maio de 1940, e granjeou rapidamente apoio para a ideia de transferir os economistas e estatísticos da Liga para a América. O seu grande amigo Raymond Fosdick, que liderava a Fundação Rockefeller e era um apoiante tão

fervoroso da Liga Institute for Advanced Studies, estabeleceu laços estreitos com destacados como o filósofo Kurt Gödel e o economista Roosevelt, receosa, nos Estados Unidos e em agosto, doze milhões de pessoas das suas famílias e dos seus negócios. A Fundação Rockefeller do Institute for Advanced Studies das atividades da Liga e da Organização Mundial de Saúde parte do aparelho de guerra. Enquanto em Genebra, estes cientistas foram reduzidos mas capazes de enfrentar os desafios que se colocaram. Sweetser e Fosdick foram membros da Liga para a qual medida contribuiria depois da guerra. E o projeto de economia da Liga para o país oferecer asilo a quem fugisse para sempre. Como um laço que se tornou o soal técnico da Liga e do internacionalismo – para ajudar Roosevelt a

## EM BUSCA DOS AM

Os britânicos esboçaram a ideia da encarnação da paz e a prioridade era simplesmente não só com a entrac

fervoroso da Liga como ele, foi útil porque chefiava o recém-fundado *Institute for Advanced Study*, em Princeton, um organismo que tinha laços estreitos com a Liga e oferecera um lar a acadêmicos emigrados destacados como Albert Einstein, John (Janos) von Neuman e o matemático Kurt Gödel. Os dois obstáculos principais eram Avenol, relutante em deixar dispersar os departamentos da Liga, e a administração Roosevelt, receosa, num ano de eleições, de uma reação isolacionista caso os Estados Unidos acolhessem a Liga. Mas ambos foram ultrapassados, e em agosto, doze membros cruciais do Secretariado, acompanhados das suas famílias e dos seus ficheiros, fixaram residência em Nova Jérсия. A Fundação Rockefeller pagou os custos da mudança e a sala de jantar do *Institute for Advanced Study*, no bosque de Princeton, foi o centro das atividades da Liga das Nações na América durante a guerra. Além da Organização Mundial do Trabalho, sediada em Montreal, foi a única parte do aparelho da Liga que permaneceu em funcionamento durante a guerra. Enquanto o resto do Secretariado permanecia acoitado em Genebra, estes cientistas sociais transplantados desempenharam um papel reduzido mas central no debate entretanto iniciado na América sobre os desafios que se colocariam ao mundo no pós-guerra.<sup>4</sup>

Sweetser e Fosdick esforçaram-se muito para transferirem os economistas da Liga para os EUA porque estavam convencidos de que tal medida contribuiria para garantir a adesão dos Estados Unidos à Liga depois da guerra. Em junho, Sweetser escreveu ao chefe do departamento de economia da Liga, em Genebra: «A minha convicção é que se este país oferecer asilo agora, neste momento de emergência, ficará integrado para sempre. Como sabe, o nosso povo é sentimental; a sua ajuda criará um laço que se tornará permanente». Sweetser e Fosdick viram no pessoal técnico da Liga, em particular, a semente de uma abordagem ao internacionalismo – prática, global, científica e humanitária – que poderia ajudar Roosevelt a ter êxito onde Wilson fracassara.

#### EM BUSCA DOS AMERICANOS

Os britânicos estavam a trabalhar no mesmo sentido. Nesta segunda encarnação da parceria anglo-americana durante uma guerra, a sua prioridade era simples: fazer com que os americanos se comprometessem não só com a entrada na guerra, mas também com a paz. O planeamento

em pormenor foi uma consideração secundária, e o primeiro-ministro Winston Churchill considerava uma perda de tempo as especulações sobre a paz. No entanto, enquanto ele se centrava em tirar a Grã-Bretanha da sua difícil situação, o Ministério dos Negócios Estrangeiros já estava a olhar para a frente e a sublinhar a importância da ligação americana.

No governo, o indolente debate inicial sobre os objetivos de guerra levou um empurrão do eminente historiador Arnold Toynbee, um homem que nunca teve medo de panoramas grandiosos. Além da sua distinção académica, Toynbee tivera um papel crucial nos debates sobre a ideia da Liga durante a Primeira Guerra Mundial, e desde essa altura chefiara o principal centro de estudo de Inglaterra sobre assuntos externos, o Royal Institute of International Affairs. De tendências fortemente atlantistas e recipiente da generosidade da Fundação Rockefeller, Toynbee avisou que o futuro do mundo seria decidido no embate entre «o Padrão Continental e o Padrão Oceânico de Organização Mundial». Apoiando-se em temas antigos do pensamento político liberal, Toynbee identificou a escolha como sendo entre o militarismo imperialista e o federalismo marítimo – uma «comunidade mundial democrática anglo-americana». Mas a via democrática teria de ser escorada com uma dose de liderança; exigiria, nem mais, nem menos, um «diretorado mundial» «dos Estados Unidos e da Comunidade Britânica»... uma «Hegemonia Mundial temporariamente nas mãos dos povos anglófonos».<sup>5</sup>

O modo histórico-mundial de Toynbee de olhar para a realidade articulou as ansiedades mais profundas de Whitehall. O Ministério dos Negócios Estrangeiros concluiu que nem a Europa nem o Império ofereciam recursos suficientes para a Grã-Bretanha permanecer uma grande potência, e sublinhou com insistência a importância de forjar uma parceria com os Estados Unidos. «O futuro do mundo depende de uma cooperação anglo-americana estreita», observou um diplomata, em 1940. No lado do Reino Unido, quase ninguém discordou; a única dúvida era se o público americano iria gostar da ideia. O novo embaixador britânico em Washington, o visconde Halifax, avisou que a coisa podia parecer evidente em Londres mas «para os americanos, é uma doutrina nova e espantosa». Ciente da hostilidade dos americanos à ideia de alianças permanentes, Whitehall manobrou com cautela. Porém, a administração Roosevelt tinha motivos próprios para se aproximar dos britânicos. Depois de a União Soviética entrar na guerra, receou que Churchill

e Estaline assumissem o julgamento dos esforços e evitar que tal acontecesse em secreto na Baía de

Os americanos apre-gerais que formaram a resmungou mas sabia ca conseguiria prevale- Por conseguinte, o «fu- apoio. De facto, o pr- referiu os «perigos pa- conquista nazi. Nesta margem da guerra, Ro- compromissos instituc- cos queriam que a pro- nização internacional o fraseamento. Estava- riu adiar a questão de enquanto os Estados- desarmavam os seus i- gabinete que a Carta c- ousada de que depois- to do mundo até ao e-

Ou seja, na frente- creto, e Churchill des- rados para fazer sug- ele não tinha dúvida- cooperação estreita e- tiva histórica, isto si- trina da segurança c- mas antes aos princí- Castlereagh, Alexanc- pa dependia do contr- 1944, Churchill disse- guardiãs da paz mun- de caos. Se fossem f- Churchill cultivou a

e Estaline assumissem compromissos secretos como os que tinham prejudicado os esforços em prol da paz na Primeira Guerra Mundial. Para evitar que tal acontecesse, Roosevelt convidou Churchill para um encontro secreto na Baía de Placentia, em agosto de 1941.<sup>6</sup>

Os americanos apresentaram aos britânicos um esboço de princípios gerais que formaram a base da chamada Carta do Atlântico. Churchill resmungou mas sabia que sem o apoio da América, a Grã-Bretanha nunca conseguiria prevalecer na Europa: a Wehrmacht era demasiado forte. Por conseguinte, o «futuro do mundo inteiro» dependia de garantir esse apoio. De facto, o preâmbulo da declaração conjunta com Roosevelt referiu os «perigos para a civilização mundial» derivados da ânsia de conquista nazi. Nesta altura delicada, com os Estados Unidos ainda à margem da guerra, Roosevelt foi muito cauteloso em relação a assumir compromissos institucionais permanentes para o pós-guerra. Os britânicos queriam que a proclamação promettesse a construção de uma «organização internacional eficaz» depois da guerra mas Roosevelt atenuou o fraseamento. Estava decidido a não ter o destino de Wilson e preferiu adiar a questão de uma nova Liga das Nações durante alguns anos, enquanto os Estados Unidos e a Grã-Bretanha policiavam o mundo e desarmavam os seus inimigos. Regressado a Londres, Churchill disse ao gabinete que a Carta do Atlântico continha «uma indicação inequívoca e ousada de que depois da guerra os EUA se juntarão a nós no policiamento do mundo até ao estabelecimento de uma ordem melhor».<sup>7</sup>

Ou seja, na frente organizacional, não foi acordado nada de concreto, e Churchill desencorajou as críticas à Liga «até estarmos preparados para fazer sugestões positivas para a sua substituição». Do que ele não tinha dúvida era de que nenhum esquema funcionaria sem uma cooperação estreita e continuada entre os Três Grandes. Nesta perspectiva histórica, isto significava não tanto um regresso à Liga – a doutrina da segurança coletiva não tinha garantido segurança nenhuma – mas antes aos princípios da diplomacia do Concerto, estabelecidos por Castlereagh, Alexandre I e Metternich em 1815: a estabilidade da Europa dependia do controlo efetivo pelas Grandes Potências.<sup>8</sup> Em janeiro de 1944, Churchill disse a Estaline que as três grandes potências eram «as guardiãs da paz mundial. Se falhassem, haveria possivelmente cem anos de caos. Se fossem fortes, cumpririam a sua tutela». Por conseguinte, Churchill cultivou a relação anglo-soviética, e na primavera de 1942

assinou um tratado de assistência mútua com Estaline que vigoraria não só durante a guerra mas durante vinte anos após o fim do conflito, e não se coibiu de discutir com os russos esferas de influência na Europa de Leste, apesar da desaprovação dos americanos e da fúria dos estadistas leste-europeus exilados.<sup>9</sup>

Em privado, Roosevelt comungava da opinião de que qualquer organização mundial nova teria de ser compatível com um nível elevado de controlo pelas Grandes Potências. O presidente chocou um dos seus diplomatas mais importantes, Sumner Welles, ao descartar a Assembleia da Liga das Nações e falar num directorado policial de potências. O Departamento de Estado, no maior segredo, começou a esboçar planos para uma organização internacional nestas linhas. A estratégia pública de Roosevelt foi recanalizar o sentimento dos americanos para o internacionalismo evitando toda e qualquer discussão de questões organizacionais e sublinhando as vantagens da cooperação internacional em áreas como o combate à fome e à pobreza. Neste sentido, os argumentos de Fosdick e Sweetser eram absolutamente lógicos para o presidente, e em 1940 ele saudou publicamente a chegada do pessoal da Liga aos Estados Unidos. Em outubro de 1941, foi mais longe ao fazer questão de assistir ao último dia de uma conferência organizada pela Organização Internacional do Trabalho, outro elemento fugitivo de Genebra. O presidente disse na conferência que para se encontrarem remédios permanentes para os males do mundo, seria necessária a plena cooperação entre todas as nações. Os problemas económicos e sociais não eram compartimentos estanques na esfera internacional, tal como não eram na interna. Assim emergiram os contornos de uma versão de internacionalismo para o pós-guerra assente numa espécie de *New Deal* para o mundo.<sup>10</sup>

Semanas depois, o ataque japonês a Pearl Harbor garantiu a entrada dos Estados Unidos na guerra, e os britânicos intensificaram ao máximo o seu trabalho para – como eles diziam – «misturar» os esforços de guerra anglo-americanos (ou seja, para os coordenar de forma tão estreita que lançaria as bases para uma relação duradoura no pós-guerra). Os EUA tinham bons motivos práticos para formalizarem a cooperação não só com a Grã-Bretanha, mas também com outros recipientes do *Lend-Lease*. Porém, à medida que a cooperação militar se intensificou, Roosevelt procurou formas de tornar a aliança mais digerível para

opinião pública americana numa coligação muito ma

Foi durante a visita d em dezembro de 1941, «Unidas» como uma alte «Potências Associadas». A ele vendeu a ideia a Chur

O FDR meteu-se na lhar... De repente, encon o pequeno-almoço, sentc redor até ao quarto do W -a, entrou no quarto e s porta – Ele chamou pelo «querubim rosado» (disse em cima! O FDR apontou disse o WSC.<sup>11</sup>

Por conseguinte, antes paz, as Nações Unidas for concebidas no quarto de declaração conjunta dos I tros países, incluindo os D e das Caraíbas, governos e -se não só a lutar até à v consagrados na Carta do e Churchill. A partir dess conotar a aliança contra c cia neste sentido pelos alia entrou para o uso jurídico em 1943, os documentos v vencedores como «forças : lebrado com a Roménia n retirado da guerra contra : sidente Truman disse: as Unidas».<sup>13</sup>

Entretanto, surgiam as abrangente no pós-guerra

opinião pública americana. Uma delas foi apresentando-a como inserida numa coligação muito maior.

Foi durante a visita do primeiro-ministro britânico a Washington, em dezembro de 1941, que Roosevelt deu com a expressão «Nações Unidas» como uma alternativa mais inspiradora ao termo em uso, «Potências Associadas». A sua assistente, Daisy Stuckley, recordou como ele vendeu a ideia a Churchill:

O FDR meteu-se na cama, com a cabeça sempre a trabalhar e a trabalhar... De repente, encontrou – Nações Unidas! De manhã, logo que acabou o pequeno-almoço, sentou-se na cadeira de rodas e foi empurrado pelo corredor até ao quarto do WSC. Bateu à porta, não houve resposta, e ele abriu-a, entrou no quarto e sentou-se numa cadeira; o homem saiu e fechou a porta – Ele chamou pelo WSC, que apareceu à porta da casa de banho – um «querubim rosado» (disse o FDR), a secar-se com uma toalha e sem nada em cima! O FDR apontou para ele e explodiu: «Nações Unidas!» «Ótimo!», disse o WSC.<sup>11</sup>

Por conseguinte, antes de se tornarem uma organização em tempo de paz, as Nações Unidas foram uma aliança em tempo de guerra.<sup>12</sup> Foram concebidas no quarto de Churchill e nasceram no mês seguinte, numa declaração conjunta dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e vinte seis outros países, incluindo os Domínios e a Índia, Estados da América Central e das Caraíbas, governos europeus no exílio e a URSS. Comprometeram-se não só a lutar até à vitória, mas também a defender os princípios consagrados na Carta do Atlântico, assinada meses antes por Roosevelt e Churchill. A partir dessa altura, o termo «Nações Unidas» passou a conotar a aliança contra o Eixo e o Japão, e foi utilizado com frequência neste sentido pelos aliados políticos e pela propaganda. Além disso, entrou para o uso jurídico e diplomático. A começar com os italianos, em 1943, os documentos de capitulação referiram-se habitualmente aos vencedores como «forças armadas das Nações Unidas»; o armistício celebrado com a Roménia no ano seguinte referiu que a Roménia «se tinha retirado da guerra contra as Nações Unidas», e em maio de 1945 o presidente Truman disse: as «forças da Alemanha renderam-se às Nações Unidas».<sup>13</sup>

Entretanto, surgiam as primeiras alusões públicas a uma missão mais abrangente no pós-guerra. Em Washington, o planeamento para uma



cios Estrangeiros britânico mais estreitamente envolvido no planeamento de uma organização internacional para o pós-guerra foi Charles Webster, um historiador da diplomacia do Congresso de Viena. Webster gostou da audácia do pensamento americano, em particular, da forma como continuava e alargava os trabalhos iniciados pelos serviços técnicos da Liga. Os objetivos do *New Deal*, tal como Roosevelt previra no seu discurso das «Quatro Liberdades», também ofereciam um programa potencial para a ação global, e a guerra tinha feito parecer mais premente o combate geral à fome e à pobreza. Mas enquanto os funcionários públicos e os especialistas técnicos começavam a fazer planos para a grave crise humana e de refugiados que confrontaria inevitavelmente os vencedores depois da derrota do nazismo, alguns diplomatas britânicos troçaram dos «*new dealers*» americanos «...e dos seus esquemas tipo ‘Autoridade do Vale do Tennessee’ para a organização da sociedade internacional, à qual tendem a apelar com um fervor missionário». <sup>15</sup>

Quem estava atento à cena americana compreendeu a lógica política desta dimensão do planeamento. Se Roosevelt estava convencido de que a melhor maneira de levar o público americano a apoiar o internacionalismo no pós-guerra era demonstrando o seu potencial humanitário ainda antes de terminado o conflito, nesse caso, como observou o secretário dos Negócios Estrangeiros britânico, Anthony Eden, num memorando crucial, a Grã-Bretanha tinha todo o interesse em alinhar:

É por demais evidente que para o sucesso de qualquer esquema de ajuda no pós-guerra, o contributo dos EUA será de suma importância... Mas eu creio que há muito mais em jogo do que a ajuda no pós-guerra. A Administração dos EUA parece estar a agir com base na tese de que quanto mais aparelhos internacionais se conseguirem pôr em funcionamento com a sua participação antes do fim da guerra, maior será a probabilidade de a opinião pública americana estar disposta a continuar com a cooperação internacional depois da guerra. Talvez seja exagerado dizer nesta fase que a Administração pretende definitivamente estabelecer, sob a égide das «Nações Unidas», o embrião da organização internacional do futuro. Dada a importância vital da cooperação americana na esfera internacional no pós-guerra, entendo que devemos alinhar em qualquer esquema americano tendente a converter as Nações Unidas num aparelho funcional. <sup>16</sup>

Em 1943, a administração Roosevelt anunciou o planeamento para a economia internacional do pós-guerra e para os julgamentos dos crimes de guerra. No mesmo ano, foi organizada em Hot Springs, na Virgínia, a primeira conferência das Nações Unidas, para a discussão da situação alimentar, que resultou na criação de um pequeno organismo que mais tarde se tornou a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Halifax, o embaixador britânico em Washington, explicou o raciocínio subjacente:

O presidente quis que a Primeira Conferência das Nações Unidas tivesse lugar nos Estados Unidos e que fosse sobre um tema humanitário e não político para acostumar a opinião pública americana à Conferência das Nações Unidas e presumivelmente para preparar o terreno para novas conferências sobre temas mais difíceis se a primeira conferência for um êxito.<sup>17</sup>

Antes de 1943 chegar ao fim, também foi criada a Agência das Nações Unidas para a Organização de Socorros e a Reconstrução, sob a chefia de Herbert Lehman, ex-governador democrata de Nova Iorque. O planeamento das Nações Unidas assumiu um carácter ainda mais a longo prazo no ano seguinte, quando a atenção se virou para uma área de preocupação e interesse vitais para os Estados Unidos: a reescritura das regras da economia internacional. Em julho de 1944, na Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, mais de setecentos delegados dos quarenta e quatro países membros reuniram-se na pequena estância turística de Bretton Woods, no New Hampshire, para definirem um conjunto de regras e instituições destinadas a regulamentar a atividade monetária internacional e a impedir o regresso à recessão dos anos 30. O nacionalismo económico, que tinha contribuído para o colapso da Liga das Nações, seria bloqueado por um grande esforço cooperativo internacional. Os fluxos de capital especulativos seriam travados através de controlos sobre o capital e o comércio seria fomentado com tarifas mais baixas e mantendo as moedas cambiáveis a taxas de câmbio fixas. As equipas das finanças da Grã-Bretanha e dos EUA vinham trabalhando em paralelo e os seus planos constituíram as bases para a criação dos dois grandes organismos internacionais que algumas décadas depois passaram a ter um papel crucial na governança global: o Fundo Monetário Internacional, para auxiliar os Estados-membros com

problemas temporários na l  
nal para a Reconstrução e  
do por Banco Mundial), pr  
para o financiamento de pro  
Os delegados também acor  
nacional do Comércio, mas  
anos depois, deixando o A  
único fórum para a liberali  
representou uma intervenç  
ternacional muito além do  
existia o consenso geral de  
suas técnicas de estabilizaçã  
fossem criadas novas institu  
de Pagamentos Internaciona  
cial entre as guerras mundia  
centrais, um elemento nucle  
nacionais, foi dissolvido por  
durante a guerra – uma deci  
das minorias do Secretariac  
certo, dado que as minoria  
devido às deportações ou ao

Este conjunto ambicioso  
da Liga. Discursando em O  
Gilbert Murray, que muitos  
das Nações, foi ao cerne da  
no e transformação da natu  
Europa da Guerra dos Trinta

Para constatar a diferen  
basta olhar para um ou doi  
Relatório da Conferência de  
ção da agricultura e do abas  
Relatório sobre a Transição  
Paz, publicado pela Comissã  
em Princeton. Estamos num  
estar por enquanto definitiv  
uma máquina de morte, est  
nização construtiva, da inve

problemas temporários na balança de pagamentos, e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (posteriormente conhecido por Banco Mundial), principalmente destinado disponibilizar fundos para o financiamento de projetos de reconstrução na Europa pós-guerra. Os delegados também acordaram a criação de uma Organização Internacional do Comércio, mas as negociações entraram em colapso quatro anos depois, deixando o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio como único fórum para a liberalização do comércio internacional. Tudo isto representou uma intervenção concertada para gerir o capitalismo internacional muito além do que a Liga tinha alguma vez tentado, pois existia o consenso geral de que nesta área, em particular, a Liga e as suas técnicas de estabilização tinham falhado. Entretanto, à medida que fossem criadas novas instituições, as antigas seriam encerradas. O Banco de Pagamentos Internacionais, que tinha desempenhado um papel crucial entre as guerras mundiais ao facilitar a cooperação entre os bancos centrais, um elemento nuclear da abordagem da Liga às finanças internacionais, foi dissolvido por causa do seu envolvimento com os alemães durante a guerra – uma decisão que só foi revogada em 1948. A secção das minorias do Secretariado também tinha pela frente um futuro incerto, dado que as minorias da Europa de Leste tinham desaparecido devido às deportações ou ao genocídio.

Este conjunto ambicioso de iniciativas foi elogiado pelos apoiantes da Liga. Discursando em Oxford, em novembro de 1943, o classicista Gilbert Murray, que muitos anos antes tinha fundado a União da Liga das Nações, foi ao cerne da questão – o novo papel do Estado moderno e transformação da natureza do internacionalismo. Comparando a Europa da Guerra dos Trinta Anos com a situação vigente, ele observou:

Para constatar a diferença enorme entre aqueles tempos e os de hoje, basta olhar para um ou dois documentos oficiais recentes, por exemplo, o Relatório da Conferência de Hot Springs sobre os planos para a organização da agricultura e do abastecimento alimentar do mundo, e o mais crucial Relatório sobre a Transição da Economia de Guerra para a Economia de Paz, publicado pela Comissão Económica e Financeira da Liga das Nações, em Princeton. Estamos num mundo diferente. O Estado moderno, apesar de estar por enquanto definitivamente organizado, até ao último botão, como uma máquina de morte, está muito mais à vontade no trabalho da organização construtiva, da investigação económica, dos serviços sociais, dos

cuidados de saúde, da assistência contra o medo e as privações. O tipo de trabalho que teremos de empreender, no meio de muitos perigos e numa escala gigantesca, não deixa de ser um trabalho para o qual, em contraste com aqueles tempos de antanho, estamos esplendidamente equipados.<sup>18</sup>

Murray era um proponente improvável deste tipo de cooperação internacional planeada e impulsionada pelo Estado. Enquanto helenista e liberal vitoriano, a sua prioridade fora sempre o reino do espírito. Mas ele era suficientemente astuto para perceber que os tempos em que os valores da Grécia antiga se podiam arrojar da governação do mundo tinham passado. O que era necessário já não era a Liga, com a sua crença anterior à guerra no poder dos valores europeus civilizados e os seus apelos levianos à humanidade, mas sim a coordenação internacional do conhecimento científico para fins democráticos. A tocha estava a passar da Inglaterra para a América, e Murray e o seu genro, Arnold Toynbee, e outros intelectuais ingleses contribuíram de bom grado para a transferência.

Em 1943, surgiram as primeiras indicações públicas concretas de que os Três Grandes estavam apostados em regressar, depois da guerra, a uma espécie de organização de segurança mundial permanente. A administração de Roosevelt parecia estar a vencer a batalha pela opinião pública americana e as sondagens indicaram um apoio forte à adesão a uma organização mundial no pós-guerra, quer se chamasse Liga das Nações ou outra coisa qualquer. É certo que a reputação da Liga parecia irremediavelmente maculada – a Sociedade da Liga das Nações até mudou de nome –, e estava em curso um grande esforço de relações públicas para a promoção da marca Nações Unidas, com publicidade, coristas de Hollywood e canções. No outono, foram aprovadas por larga maioria duas resoluções do Congresso que apelaram à criação de instituições internacionais depois da guerra.

Nas reuniões dos Três Grandes realizadas em finais de 1943, foi finalmente acordado criar uma organização de segurança internacional permanente. Na conferência de Moscovo, em outubro, pouco depois do colapso do regime de Mussolini, os representantes dos Três Grandes (e da China) proclamaram que reconheciam «a necessidade de estabelecer, na data mais próxima possível, uma organização internacional geral assente no princípio da igualdade soberana de todos os Estados

amantes da paz e aberta à  
quenos, para a manuten  
O organismo ainda não tin  
Unidas», no sentido que te  
de potências que seriam co  
Grandes reuniram-se pela  
trabalhariam, juntamente  
duradoura» com base na s  
dial de Nações Democrátic

Roosevelt entregou a E  
nização mundial baseado  
– uma assembleia mundial  
posto pelos Quatro Grand  
região, e uma entidade «pc  
autoridade para lidar com t  
um controlo maior pelas G  
do, e um enfoque mais pesa  
também explicou a Estaline  
serem combatidos pela nov  
país se visse a braços com  
puta fronteira com um vi  
das com embargos comerci  
O outro caso era quando a  
teria de ser combatida com  
riam com bombardeamento  
-se à questão espinhosa do  
Quatro Grandes. Ele queria  
veto dos Quatro Grandes, r  
ele receava que condenasse

O interesse de Churchill  
ao seu jeito elítico e cautel  
das as grandes figuras envol  
Estaline é a que menos coi  
duramente a Liga das Naç  
rialistas disfarçados de ama  
do muito ao Comintern, e c  
à Liga. A ideologia marxist

amantes da paz e aberta à adesão a todos estes Estados, grandes e pequenos, para a manutenção da paz e da segurança internacionais». O organismo ainda não tinha nome e o documento usou o termo «Nações Unidas», no sentido que teve durante a guerra, para se referir à coligação de potências que seriam consultadas. Em dezembro, os líderes dos Três Grandes reuniram-se pela primeira vez, em Teerão, e declararam que trabalhariam, juntamente com as Nações Unidas, em prol de «uma Paz duradoura» com base na sua cooperação estreita e numa «família mundial de Nações Democráticas».

Roosevelt entregou a Estaline um plano possível para a nova organização mundial baseado nos trabalhos de Pasvolsky em Washington – uma assembleia mundial sem sede fixa, um conselho executivo composto pelos Quatro Grandes e por seis ou sete delegados escolhidos por região, e uma entidade «policial» dominada pelos Quatro Grandes com autoridade para lidar com toda e qualquer ameaça à paz. Isto significava um controlo maior pelas Grandes Potências do que a Liga tinha permitido, e um enfoque mais pesado na imposição da sua vontade.<sup>19</sup> Roosevelt também explicou a Estaline quais eram os tipos de ameaça que ele via a serem combatidos pela nova organização. Um era quando um pequeno país se visse a braços com uma revolução, uma guerra civil ou uma disputa fronteiriça com um vizinho – estas questões poderiam ser resolvidas com embargos comerciais ou com outras medidas de «quarentena». O outro caso era quando a agressão por parte de um Estado poderoso teria de ser combatida com a ameaça de que os Quatro Polícias retaliariam com bombardeamentos ou com uma invasão. Roosevelt esquivou-se à questão espinhosa do que fazer quando o agressor fosse um dos Quatro Grandes. Ele queria evitar a todo o custo a questão do direito de veto dos Quatro Grandes, na qual pensou que Estaline iria insistir e que ele receava que condenasse a nova organização à impotência.

O interesse de Churchill no assunto foi diminuindo mas Roosevelt, ao seu jeito elítico e cauteloso, estava totalmente empenhado. De todas as grandes figuras envolvidas e do seu pensamento sobre a questão, Estaline é a que menos conhecemos. Nos anos 20, ele tinha atacado duramente a Liga das Nações como sendo uma organização de imperialistas disfarçados de amantes da paz, mas também nunca tinha ligado muito ao Comintern, e depois de 1933 garantiu a adesão da URSS à Liga. A ideologia marxista permitia um grande espaço de manobra.

O anticolonialismo de Estaline foi previsível, tal como foi a sua intenção de garantir que o Exército Vermelho teria as mãos livres na Europa de Leste. Por outro lado, o seu objetivo primordial era preservar as boas relações com os britânicos e americanos o maior tempo possível depois da guerra para dar à URSS o tempo do qual necessitaria obviamente para recuperar da ocupação nazi: por conseguinte, enquanto a pertença às Nações Unidas contribuísse para a segurança da União Soviética e não a prejudicasse, não havia nenhuma razão para não alinhar com a expressão mais recente do internacionalismo anglo-americano. O que sabemos é que em finais de 1943, Estaline estava desesperado para que fosse aberta uma segunda frente no ano seguinte; um dos motivos que o levou a encerrar o Comintern foi para dar um sinal tranquilizador aos seus parceiros. Talvez ele tenha por sua vez ficado tranquilizado quando Roosevelt lhe disse que as tropas americanas não iriam policiar a Europa no pós-guerra, e que as decisões do Conselho Executivo proposto para as Nações Unidas não seriam vinculativas. Nestas circunstâncias, existiam muitas razões e poucas desvantagens evidentes para apoiar a ideia das Nações Unidas.

A verdadeira oposição a Roosevelt e à sua ideia dos Quatro Polícias não partiu de Estaline, mas sim da opinião pública dos Estados Unidos, que o acusou de tudo – desde imperialista do século XIX até apaziguador do bolchevismo. Um jornal disse que a administração preferia ter as grandes potências a agir concertadamente para reanimar a «frutuosa *Pax Britannica*» do século anterior numa «organização mundial fortemente organizada e burocrática». Os conservadores ficaram horrorizados com a ideia de uma aliança que incluísse a Rússia comunista, e para os wilsonianos era o regresso à Santa Aliança, animado por uma desconsideração imperial pelos direitos das nações mais pequenas.<sup>20</sup> A administração, preocupada com estas reações e com os apelos do Congresso a que se esperasse até à conclusão da paz com a Alemanha e com o Japão antes de se criar qualquer organização nova, usou a cobertura dos desembarques do Dia D para divulgar uma versão abreviada dos seus planos, leve nos pormenores e pesada na negação de toda e qualquer tentativa de criar «um superestado dotado de forças policiais próprias».

Naqueles meses estivais de 1944 mudou muita coisa. O sucesso estonteante da ofensiva soviética no Leste, com uma dimensão e um impacto desmesuradamente maiores do que estava a acontecer nas praias

da Normandia, repeliu a  
Exército Vermelho internou  
Balcãs. Eden e depois Chur  
Moscou para esclarecerem  
postura difícil de enquadrar  
wilsoniano. Ao mesmo tempo  
do *Reich*, conversações secr  
em Dumbarton Oaks (uma p  
um dos assistentes de Cordel  
ricanos, russos e chineses cor  
das Nações Unidas para o p  
dedicada a quatro questões  
organização deveria ocupar  
quando os Estados Unidos p  
Conselho Económico e Socie  
e eficaz dos recursos mundia  
administração vinha trabalh  
que era precisamente o tipo d  
o seu tempo. A «tarefa primá  
da paz e da segurança por un  
tarefas poderiam ser desemp  
precisavam de estar sob a tu  
Unidos levaram a sua avante  
a uma vasta expansão da es  
áreas da assistência e da polít  
A segunda foi a questão de  
por de forças armadas. Os so  
aérea internacional, vendo as  
da aliança no pós-guerra. Ao  
Estado mundial, e os america  
o apoio do Congresso, propus  
se a disponibilizar forças qual  
países aceitaram, cada um à  
Organização das Nações Unid  
militar. A terceira questão foi a  
limitá-la aos signatários da pri  
Janeiro de 1942, embora aceita

da Normandia, repeliu a Wehrmacht centenas de quilômetros, e o Exército Vermelho internou-se profundamente na Polónia e chegou aos Balcãs. Eden e depois Churchill viram-se obrigados a deslocarem-se a Moscovo para esclarecerem as esferas de influência no continente, uma postura difícil de enquadrar com a linguagem universalista do sonho wilsoniano. Ao mesmo tempo que se apertava o anel de ferro em torno do *Reich*, conversações secretas cruciais tinham lugar em Washington, em Dumbarton Oaks (uma propriedade de Georgetown que pertencia a um dos assistentes de Cordell Hull), onde os delegados britânicos, americanos, russos e chineses começaram a montar a estrutura de segurança das Nações Unidas para o pós-guerra. A maior parte do seu tempo foi dedicada a quatro questões principais. Uma foi até que ponto a nova organização deveria ocupar-se de mais do que assuntos de segurança: quando os Estados Unidos propuseram, por exemplo, a criação de um Conselho Económico e Social para promover «a utilização mais plena e eficaz dos recursos mundiais» – o tipo de *New Deal* global no qual a administração vinha trabalhando –, os delegados soviéticos objetaram que era precisamente o tipo de coisa com que a Liga tinha desperdiçado o seu tempo. A «tarefa primária, aliás, única» deveria ser a manutenção da paz e da segurança por um organismo pequeno e eficiente. As outras tarefas poderiam ser desempenhadas por outras organizações que não precisavam de estar sob a tutela das Nações Unidas. Mas os Estados Unidos levaram a sua avante e as Nações Unidas acabaram por presidir a uma vasta expansão da esfera da governança internacional para as áreas da assistência e da política social, iniciadas pela Liga.

A segunda foi a questão de decidir se a nova organização deveria dispor de forças armadas. Os soviéticos promoveram a ideia de uma força aérea internacional, vendo as Nações Unidas como uma continuação da aliança no pós-guerra. Aos britânicos, esta ideia cheirou-lhes a um Estado mundial, e os americanos, cientes da necessidade de conquistar o apoio do Congresso, propuseram que cada potência se comprometes-se a disponibilizar forças quando fossem necessárias. Contudo, os três países aceitaram, cada um à sua maneira, a premissa básica de que a Organização das Nações Unidas deveria dispor de algum tipo de força militar. A terceira questão foi a da filiação. A URSS começou por querer limitá-la aos signatários da primeira Declaração das Nações Unidas, em janeiro de 1942, embora aceitando que outros países «amantes da paz»

pudessem ser eventualmente admitidos. Os Estados Unidos pretendiam uma organização o mais universal possível, com poucas barreiras ideológicas à adesão. Para os russos, qualquer esquema desse gênero colocava a possibilidade de ficarem em inferioridade numérica e de perderem as votações: os britânicos podiam contar com a lealdade dos Domínios e os americanos com muitos dos Estados Sul-Americanos. E se fossem admitidos Estados fascistas ou semifascistas como a Espanha, Portugal e a Argentina, a posição soviética seria ainda pior. Por este motivo, os soviéticos insistiram não só na redução do tamanho da Assembleia Geral, mas também na admissão individual das dezasseis repúblicas soviéticas, uma exigência que a dada altura ameaçou torpedear as negociações. O compromisso alcançado deixou claro que a organização aspiraria à universalidade e que o único critério de adesão seria «amar a paz»; os soviéticos foram autorizados a ter um pequeno número de votantes obedientes (os dezasseis exigidos por Estaline transformaram-se em dois).

Tudo isto teve um peso óbvio na questão absolutamente crítica que quase matou a nova organização antes do arranque: o direito de veto no Conselho de Segurança. No antigo Conselho da Liga, *todos* os membros tinham direito de veto, mas os americanos recearam que a adoção deste sistema condenasse pura e simplesmente a nova organização à impotência da antiga e a impedisse de ser eficaz. Por outro lado, eliminar completamente o veto era algo que nenhuma Grande Potência, em especial, a URSS, estava disposta a contemplar. Estaline receou que com a guerra a aproximar-se do fim, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos estivessem a começar a pôr a aliança em causa e, por acréscimo, o papel da União Soviética na Europa de Leste. No dia 7 de outubro de 1944, quando acabou a conferência de Dumbarton Oaks, a questão do veto ficou por resolver, qual bomba relógio no coração do projeto.

É evidente que havia outras formas de estabelecer a cooperação entre as Grandes Potências. Dois dias depois, Churchill encontrou-se com Estaline em Moscovo. Juntamente com os respetivos ministros dos Negócios Estrangeiros, os dois homens negociaram o infame Acordo das Percentagens, que atribuiu um papel predominante à Grã-Bretanha na Grécia e à URSS numa grande parte do resto da Europa de Leste.<sup>21</sup> Independentemente de se ter tratado de um plano de criação de esferas de influência informais a longo prazo ou apenas de uma tentativa para evitar desentendimentos a curto prazo, o seu secretismo assemelhou-se

ao modelo diplomático do s  
os supostos princípios das N  
conciliar com a declaração  
última ocasião em que os Tré  
povos da Europa libertada a  
governo. Mais significativo d  
mente alcançado em relação  
lização da força poderiam ser  
sunto que um número sufici  
quisesse colocar na agenda. l  
so, foi possível prosseguir o  
destinada a criar o novo orga  
luger em abril, em São Franc

Numa colossal ofensiva de  
-Dumbarton Oaks, os funcio  
sentaram as propostas ao púb  
a sua valia para a segurança  
nha falhado à América, e cor  
os oceanos já não garantiam  
as mencionaram muitíssimo  
referiram muito a preservaçã  
criar qualquer espécie de sup  
ou o novo secretário de Esta  
de 1945, «e essa ideia nunca  
As autoridades preparam um  
internacional era uma necessid  
os problemas do mundo.<sup>22</sup>

Tudo isto foi para bloque  
funcionou. Segundo uma son  
80% dos americanos eram a fa  
cial com poder policial para r  
os acreditarem na probabilidad  
guerra daí a algumas décadas.  
lutas de sempre foi ambivalent  
apresentaram as propostas: era a «  
tinha mais nenhuma. Mas e  
então o compromisso com os

ao modelo diplomático do século XIX, completamente antagónico com os supostos princípios das Nações Unidas. Não era efetivamente fácil de conciliar com a declaração emitida em Ialta, em fevereiro de 1945 – a última ocasião em que os Três Grandes se reuniram –, que prometeu aos povos da Europa libertada a possibilidade de escolherem a sua forma de governo. Mais significativo do que a declaração foi o compromisso finalmente alcançado em relação ao veto: as propostas de sanções ou de utilização da força poderiam ser vetadas, mas não o debate de qualquer assunto que um número suficiente de membros do Conselho de Segurança quisesse colocar na agenda. Depois de Estaline aceitar este compromisso, foi possível prosseguir o planeamento da conferência internacional destinada a criar o novo organismo mundial, e ficou acordado que teria lugar em abril, em São Francisco.

Numa colossal ofensiva de relações públicas realizada nos meses pós-Dumbarton Oaks, os funcionários do Departamento de Estado apresentaram as propostas ao público americano de um modo que sublinhou a sua valia para a segurança nacional. Pregaram que o isolacionismo tinha falhado à América, e com o desenvolvimento dos foguetes alemães, os oceanos já não garantiam a segurança da América. Os seus discursos mencionaram muitíssimo pouco os direitos das pequenas nações e referiram muito a preservação da soberania da América. «A ideia de criar qualquer espécie de superestado é repugnante para nós», declarou o novo secretário de Estado, Edward Stettinius, no dia 1 de janeiro de 1945, «e essa ideia nunca entrou nem entra nos nossos desígnios». As autoridades pregaram um realismo pragmático: a nova organização internacional era uma necessidade vital, mesmo que não resolvesse todos os problemas do mundo.<sup>22</sup>

Tudo isto foi para bloquear as críticas isolacionistas, e parece que funcionou. Segundo uma sondagem Gallup realizada em abril de 1945, 81% dos americanos eram a favor da adesão a «uma organização mundial com poder policial para manter a paz no mundo», apesar de muitos acreditarem na probabilidade de a América estar a combater noutra guerra daí a algumas décadas. No entanto, a reação dos internacionalistas de sempre foi ambivalente. As principais organizações americanas apoiaram as propostas: era a «segunda oportunidade» da América e não haveria mais nenhuma. Mas em privado, ficaram preocupados. Onde estava o compromisso com os direitos humanos, com a descolonização

ou com o primado da lei? Uma reação foi: «Dumbarton Oco?» Muitos interrogaram-se sobre o que tinha acontecido aos direitos dos pequenos Estados. A revista britânica *New Statesman* viu nas propostas a justificação de uma nova forma de «Santa Aliança», e não foi a única. Na privacidade do seu diário, até o historiador e diplomata britânico Charles Webster descreveu a criação das Nações Unidas como «uma Aliança das Grandes Potências metida numa organização internacional».<sup>23</sup>

Para Roosevelt, a conferência a realizar em São Francisco era mais do que oportuna, dada a necessidade de atenuar a evidência crescente de hostilidade anglo-soviética. Ele queria agir «enquanto a forja da guerra ainda estava suficientemente quente para fundir as nações». Por conseguinte, era vital que se reunissem, se possível, antes da derrota da Alemanha. Por outro lado, o eventual contributo da conferência era irrelevante: três dias antes da abertura, um repórter comentou, numa tradução exata dos pensamentos do presidente, que seria uma oportunidade para retirar aos Três Grandes «parte do seu poder, *pelo menos aparentemente*, dando voz e um *sentimento* de responsabilidade às nações mais pequenas». Roosevelt sabia que a sua muito alardeada «organização democrática do mundo» não dependeria, no pós-guerra, da capacidade de dar ordens, mas sim da capacidade de liderar e persuadir. Por conseguinte, planeou um evento que não seria uma conferência de paz, mas algo como a convenção constitucional que tinha consolidado a união da América depois da Guerra da Independência. A sua grande preocupação não eram as nações pequenas, às quais não restaria nenhuma alternativa a não ser aceitarem o que as Grandes Potências acordassem – caso quisessem ter uma organização mundial –, mas sim o Congresso dos EUA. Desejoso de evitar à partida os erros cometidos por Wilson em 1919-1920, o presidente continuou a abordagem bipartidária que tinha seguido nas questões internacionais durante a guerra, e garantiu que a delegação americana em São Francisco incluiria figuras destacadas de ambos os lados da Câmara dos Representantes.<sup>24</sup>

A morte de Roosevelt ensombrou as cerimónias de abertura de São Francisco mas tornou os delegados ainda mais empenhados em fazerem da ocasião um sucesso. Passando por cima das continuidades bastante substanciais na forma e na temática com a Liga, os sábios saudaram a nova organização como a segunda oportunidade para o internacionalismo. Este idealismo tinha sido fomentado pelo governo americano

em particular, e foi propagadas americanas, mas também o público americano e de outros países. Se a ONU teve um único biógrafo chamou apropriadamente seus elementos díspares como se não tivesse morrido, mantendo sido uma tarefa monumental a coligação antinapoleónica que foram a única força fragmentada do poder da bomba atómica de que Estaline estava metido na Europa de Leste depois da guerra. Roosevelt tentou sempre na primeira hora necessitou de assumir uma postura mais firme. Os líderes da Europa de Leste poderiam ter sido mundiais e as relações com

Entre as nações mais pequenas das Grandes Potências se poderia dizer que a ONU representasse um compromisso que tivessem apostadas, sob a direção do diretorado mundial muito mais a causa da tecnologia espantosa desenvolvida em São Francisco, as pequenas nações e os direitos da Assembleia Geral e dos humanos, para a situação de crise, perguntando exatamente (a delegação de Ialta) que não se poderia enviar um enviado especial a Estaline. Permaneceu a suspeita de que a Liga mas sim o regresso da guerra. O Canadá, a Austrália e a Alemanha representativa e antidemocrática. As Grandes Potências cerraram os olhos. Gladwyn Jebb dão uma ideia

em particular, e foi propagandeado por organizações não-governamentais americanas, mas também refletiu o sentimento de esperança do público americano e de outros países. Mas a perda de Roosevelt pesou. Se a ONU teve um único arquiteto, foi o homem ao qual um dos seus biógrafos chamou apropriadamente «o malabarista», que manteve os seus elementos díspares coesos com uma perícia enorme. Mesmo que ele não tivesse morrido, manter a coesão dos Três Grandes em 1945 teria sido uma tarefa monumental, muito mais difícil do que a preservação da coligação antinapoleónica em 1815. É que as diferenças ideológicas não foram a única força fragmentadora; houve também a revelação súbita do poder da bomba atómica e sobretudo a compreensão cada vez maior de que Estaline estava mesmo apostado em dominar a totalidade da Europa de Leste depois de terminada a guerra – uma questão que Roosevelt tentou sempre menosprezar. Harry Truman, que desde a primeira hora necessitou de estabelecer a sua autoridade na presidência, assumiu uma postura mais dura em relação aos soviéticos; os seus conselheiros avisaram de imediato o Kremlin de que os desentendimentos na Europa de Leste poderiam prejudicar «toda a estrutura da cooperação mundial e as relações com a União Soviética».<sup>25</sup>

Entre as nações mais pequenas, a apreensão principal não era que as Grandes Potências se pudessem desentender. Pelo contrário, receavam que a ONU representasse um passo atrás e que as Grandes Potências estivessem apostadas, sob a capa do internacionalismo, em criar um novo directorado mundial muito mais assustador do que a Santa Aliança por causa da tecnologia espantosa que teria ao seu dispor. Por conseguinte, em São Francisco, as pequenas nações redirecionaram as atenções para os direitos da Assembleia-Geral, para o compromisso com os direitos humanos, para a situação difícil dos povos coloniais e para a questão do veto, perguntando exatamente quais as «questões processuais» (na linguagem de Ialta) que não seriam vetáveis; foi necessária a deslocação de um enviado especial a Estaline para resolver o diferendo e salvar a ONU. Permaneceu a suspeita de que a ONU não era um progresso em relação à Liga mas sim o regresso à péssima maneira de funcionar do século XIX. O Canadá, a Austrália e outros países criticaram a natureza anti-representativa e antidemocrática da nova organização mundial mas as Grandes Potências cerraram fileiras – as memórias do delegado britânico Gladwyn Jebb dão uma ideia do seu desdém – na convicção justificada

de que independentemente das queixas, os pequenos Estados acabariam por alinhar por não terem alternativa. E assim foi. Em junho, o presidente Truman discursou na sessão de encerramento da conferência, e um mês depois o Congresso dos EUA ratificou o Tratado da ONU por oitenta e nove votos contra dois. Não se repetiram os reveses humilhantes pós-Versalhes. Com a América empenhada e a Grã-Bretanha e a URSS a bordo, a nova organização tinha uma vantagem sobre a sua antecessora: o apoio das maiores potências do mundo.

O funeral foi cuidadosamente orquestrado. Um ano depois de São Francisco, em abril de 1946, teve lugar em Genebra a última reunião da Liga das Nações. Lorde Cecil – que tinha discursado na primeira reunião, em 1920 – elogiou a Liga por ter tornado possível a nova organização mundial. E concluiu: «A Liga morreu. Vivam as Nações Unidas!» A passagem de testemunho foi discretamente organizada. O magnífico Palácio das Nações, ao qual Avenol tinha dedicado tanta atenção, tornou-se o Departamento Europeu da ONU. Vários organismos da Liga (a Organização da Saúde, a Comissão da Nutrição e a Comissão da Cooperação Intelectual) metamorfosearam-se em organismos da ONU melhor financiados (OMS, ONUAA e UNESCO). A ONU tomou posse dos restantes ativos da Liga, incluindo o seu capital humano – os ex-funcionários da Liga disseram adeus a Princeton e desempenharam um papel crucial na nova organização. Arthur Sweetser, o homem que tinha ajudado a engendrar este desfecho, descreveu os seus sentimentos, quando instado a comparar a Liga com a ONU, como os de um homem na sua segunda lua-de-mel instado a falar da sua primeira mulher.<sup>26</sup>

Mas na verdade, a segunda mulher parecia-se estranhamente com a primeira. Embora a aura de fracasso que pairava sobre a Liga tornasse necessário, em termos de relações públicas, afirmar um rompimento total com o passado, a verdade era que a Organização das Nações Unidas estava baseada na estrutura tripartida fundamental da qual a Liga fora pioneira – legislatura, executivo e conselho governativo –, e em muitos aspetos, apenas deu continuidade à experiência continuada da Liga. Tal como um comentador recente sobre esta matéria observou com perspicácia, é muito raro as organizações internacionais morrerem: ou degeneram para a obscuridade ou, quando têm sorte, evoluem com os tempos.<sup>27</sup> Foi o que aconteceu neste caso, graças à reengenharia da

Liga levada a cabo. E as mudanças que garantir uma vida iluminada pelos Cinco grandes da diplomacia (a França de fora), e para a manutenção como câmara de desimpasse da Guerra dos Ros, teria um papel. Existia um novo Código internacionalismo em 1939 por um reabilitada pela guerra internacional de especialistas termos mais negativos. Internacional de Justiça Internacional demonstraria que ainda Carta oferecesse uma fundamentais, na dignidade direitos dos homens foram descartadas as bro a coisas como o

Na verdade, a ONU das Grandes Potências custos, para evitar o seu caráter intenso armadas para seu uso às decisões do Conselho membros também: o não são membros das afirmados pela ONU paz e da segurança in

Com efeito, os Tratados que combinou a tecnologia e o alcance da pol

Liga levada a cabo por Pasvolsky e pelos seus colegas durante a guerra. E as mudanças que eles provocaram foram certamente suficientes para garantir uma vida longa à sua sucessora. O Conselho de Segurança, dominado pelos Cinco Grandes (nenhum estadista conhecedor das realidades da diplomacia do século XIX poderia pensar seriamente em deixar a França de fora), dotados do poder de veto, tinha jurisdição exclusiva para a manutenção da paz. A Assembleia-Geral existia principalmente como câmara de debates – mas haveria momentos em que, graças ao impasse da Guerra Fria entre as duas superpotências nos anos vindouros, teria um papel mais central do que se imaginara possível em 1945. Existia um novo Conselho Económico e Social – uma conquista crucial do internacionalismo americano do *New Deal*, que fora recomendado em 1939 por um relatório da Liga mas cuja concretização fora impossibilitada pela guerra – que se tornou o motor da cooperação internacional de especialistas numa escala muito maior do que com a Liga. Em termos mais negativos, existia um novo projeto de lei para o Tribunal Internacional de Justiça, sucessor do antigo Tribunal Permanente de Justiça Internacional, e tal como este, sediado em Haia: o tempo demonstraria que ainda tinha menos que fazer. E embora o preâmbulo da Carta oferecesse uma tardia declaração de fé «nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e valor da pessoa humana e na igualdade dos direitos dos homens e das mulheres e das nações grandes e pequenas», foram descartadas as disposições vinculativas que obrigassem os membros a coisas como os tratados sobre os direitos das minorias da Liga.<sup>28</sup>

Na verdade, a ONU foi sobretudo um meio para manter a coligação das Grandes Potências intacta no pós-guerra, independentemente dos custos, para evitar o destino da sua antecessora. Esta realidade refletiu-se no seu caráter intensamente hierárquico e na disponibilização de forças armadas para seu uso. Todos os membros da ONU deviam obediência às decisões do Conselho de Segurança e, de forma espantosa, os não membros também: o Artigo 2.º da Carta estipulou que «os Estados que não são membros das Nações Unidas agirão de acordo com os princípios afirmados pela ONU desde que tal seja necessário para a manutenção da paz e da segurança internacionais».

Com efeito, os Três Grandes acabaram por criar uma organização que combinou a tecnocracia científica do *New Deal* com a flexibilidade e o alcance da política de poder do sistema de alianças europeu do

século XIX. Churchill, Estaline e sobretudo Roosevelt, preservaram a forma da Liga mas regressaram, através das Nações Unidas, aos tempos que Woodrow Wilson disse ter rejeitado. Se a aliança dos Três Grandes tivesse permanecido intacta depois da guerra, quase nada teria impedido a ONU de se transformar no poder policial internacional bastante assustador que em diversas alturas agradou a Churchill, Estaline e Roosevelt. Porém, na primavera de 1945, a discórdia e a suspeição eram profundas. Os planos para a criação de um Comité de Estado-Maior da ONU saíram frustrados, o que significou que nem sequer foi possível garantir a função limitada de segurança coletiva consagrada na Carta da Organização das Nações Unidas. Contudo, para os veteranos da Liga como Arthur Sweetser, tudo isto era mais do que aceitável e as discussões infundáveis sobre como as Nações Unidas diferiam da Liga eram secundárias. A Liga tinha renascido, logo, pôde ser enterrada com dignidade. Através das Nações Unidas, uma organização que a Liga fizera mais do que qualquer outro poder para criar, os Estados Unidos estavam de regresso ao mundo, plenamente empenhados numa nova versão dos princípios internacionalistas que tinham traído em 1920.

## As realidades

Tal como o vestuário atual, no que diz respeito a sancionar o chamado poder das potências pomposas a agora – e tardiam a olhar para o mundo.

– Grayson Kirk, «

Com pouco desagrado de que a organização será o que Allen I  
– Charles Seymou

É possível ler história da Guerra Fria sem encontrar a transição do princípio apresentada como o colapso e a ascensão de «falcões» Kennan, em particular, infundáveis sobre a com